

ATELIÊ DE IMAGEM E EDUCAÇÃO

1 IDENTIFICAÇÃO DA PROPOSTA:

1.1 TÍTULO DO PROJETO: CINEMA, INFÂNCIAS E DIFERENÇA: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo

CINEMA , CHILDHOOD AND DIFFERENCE : QUESTIONING EDUCATION, SCHOOL EVERYDAY AND THE CURRICULUM

1.2 COORDENADORA:

Profª Drª Maritza Maciel Castrillon Maldonado

1.3 INSTITUIÇÃO:

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Campus Universitário de Cáceres “Jane Vanine”
Faculdade de Educação e Linguagem – FACEL
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação

2 DESENHO:

Como se constituem, nos currículos, as concepções de infâncias e diferença que habitam o imaginário dos *praticantespensantes* da educação? Existe um lugar constituído nesse imaginário que seja destinado a habitá-las? É possível desconstruir esse lugar, pensando a partir dos filmes que abordem lugares outros para o currículo, a diferença e as infâncias? Problematizar essas questões é o que movimenta esta pesquisa. Compreende-se, a partir dos estudos dos cotidianos, as professoras e professores das redes públicas de ensino, como *praticantespensantes* dos cotidianos que trazem consigo, para a escola, seus “mundos culturais”. Assim, esta pesquisa objetiva criar na UNEMAT, *campus* universitário de Cáceres “Jane Vanine”, o Ateliê de Imagem e Educação - AIE, elaborando seu regimento e institucionalizando suas ações. Uma das ações do Ateliê será realizar cineclubes, concebidos como *espaçostempos* onde se possa ver, discutir e pensar a partir de filmes. Nesse sentido os cineclubes terão o intuito de potencializar as conversas entre os *praticantespensantes*, percebendo, através delas, como os filmes desestabilizam concepções de diferença, educação, currículo, cotidiano escolar, infâncias. Através dessas conversas será possível problematizar

as experiências que suscitaram, os sentimentos engendraram, os acontecimentos/sentidos produziram. Trabalharemos, no decorrer de dois anos, com os seguintes cineclubes: infâncias, cinema africano e gênero e sexualidades. Abriremos 60 (sessenta) vagas, destinadas especificamente aos professores das redes públicas de ensino que trabalham com crianças. Esses professores se inscreverão a participar dos cineclubes, bem como assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a utilização das conversas como *personagens conceituais* das produções. Os cineclubes são entendidos, neste projeto, como atividade de extensão. Nesse sentido, os professores que participarem dos mesmos serão certificados pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. As conversas, após a apresentação dos cineclubes, serão filmadas, gravadas e transcritas. Essas narrativas se constituem, em nossa pesquisa, como *personagens conceituais*, ou seja, através delas pretendemos compor outros agenciamentos coletivos de enunciação que possam, quiçá, produzir outras formas de subjetividade, que recusem a individualidade. O resultado dessas conversas será sistematizado e analisado pelos pesquisadores participantes da pesquisa, juntamente com os *praticantespensantes* dos cotidianos, e culminará na produção de artigos científicos a serem enviados a revistas qualificadas, submetidos em eventos da área da educação, bem como na elaboração de um livro.

3 RESUMO:

Este projeto tem por objetivo problematizar concepções de infâncias e diferença a partir de imagens e sons produzidos no cinema, oportunizando aos *praticantespensantes* do cotidiano educacional pensarem de forma diferente aquilo que vem sendo *pensadopracado* na educação escolar. A concepção teórica que propicia o tipo de análise que pretendemos, situa-se em uma perspectiva que rompe com a ideia de uma investigação que procura um modelo “iluminado” e “verdadeiro” que sirva de parâmetro para o conhecimento. Movimentamo-nos *entre* o pensamento pós-estruturalista, tendo como interlocutores principais Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto, Sílvio Gallo, Rodrigo Guéron e os estudos dos cotidianos, conversando com Nilda Alves, Inês Barbosa Oliveira, Carlos Eduardo Ferraço. A pesquisa será desenvolvida mediante a criação do Ateliê de Imagem e Educação, na UNEMAT, *campus* universitário de Cáceres e será implementada através da realização de cineclubes que abordarão os problemas da pesquisa. Os filmes são considerados *intercessores* para o pensamento, e as narrativas e imagens produzidas a partir

das conversas com os *praticantespensantes* da educação são consideradas *personagens conceituais*.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, infâncias, diferença e currículo

ABSTRACT:

This project has to discuss conceptions of childhoods and difference from images and sounds produced in movies, providing opportunities to *thinkingpractitioners* the everyday educational thinking differently what has been *thoughtpracticed* in school education. The theoretical design that provides the kind of analysis we want, it was located in a perspective that breaks with the idea about the investigation to seekfor a model "illuminated" and "true" to serve as a parameter for knowledge. We move from the post-structuralist thought, the main interlocutors Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Alfredo Veiga-Neto, Silvio Gallo, Rodrigo Guéron and studies of everyday education, talking to Nilda Alves, Inês Barbosa Oliveira, Carlos Eduardo Ferrazo. The research will be developed throughcreating the Education and Image Laboratory in UNEMAT, campus of Cáceres and will be implemented through apresentation movies clubs that will address the problems of research. The films are considered intercessors for thought, and the stories and images produced from conversations with *thinkingpractitioners* education are considered conceptual characters.

KEY-WORDS: CINEMA , CHILDHOODS, DIFFERENCE AND CURRICULUM

4 PROBLEMATIZAÇÃO:

Como se constituem os sentidos atribuídos às infâncias e à diferença? Essa é a principal questão deste projeto, que será pensada a partir de cineclubes realizados com *praticantespensantes* das redes públicas de ensino problematizando: Como se constitui a concepção de infância que habita o imaginário dos *praticantespensantes* da educação? Existe um lugar constituído em nosso imaginário que seja destinado a habitá-la? É possível desconstruir esse lugar, pensando a partir de filmes que abordam outros *espaçostempos* para as infâncias? Diversidade ou diferença? Como se compõe a concepção que habita o imaginário dos *praticantespensantes* da Educação? Existe um lugar constituído em nosso imaginário que seja destinado a habitá-la? É possível desconstruir esse lugar, pensando a partir de filmes que abordem *espaçostempos* outros para a diferença?

5 INTRODUÇÃO:

Este projeto propõe como tema, pensar, através de imagens e sons, a diferença e as infâncias tendo como preocupação questões que afetam a educação, o cotidiano da escola e o currículo. Vimos nos preocupando, há algum tempo, com questões relativas à diferença e às infâncias, tanto em pesquisa desenvolvida no doutorado (Espaço Pantaneiro, cenário de subjetivação da criança ribeirinha-UFF, 2009), como em pesquisa desenvolvida no PPGEduc/UNEMAT, com crianças que freqüentam o *espaçotempo* de instituições de educação infantil (Currículo da/na/com a Educação Infantil: *espaçotempo* em questão). Essas experiências, que nos movem há aproximadamente dez anos, nos levaram a propor este projeto. Mas, porque as imagens e os sons entraram no tema como dispositivo que aciona o pensamento a pensar as infâncias e diferença? Entre os anos de 2014 e 2015, realizei meu estágio de pós-doutorado – com bolsa do CNPq - no grupo de Pesquisa “Currículo, Redes Educativas e Imagens” do ProPED/UERJ, participando do projeto “Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, imagens e sons”, ambos coordenados pela professora Dr^a Nilda Alves, minha supervisora. Através de cineclubes e das conversas por eles propiciadas, a professora procura compreender e articular os “mundos culturais” habitados pelos docentes. Não é sua intenção analisar os filmes como obra, mas compreender as imagens e narrativas como *personagens conceituais*, termo que toma emprestado do filósofo francês Gilles Deleuze para designar

aqueles elementos sem os quais não seria possível pensar e, cuja presença na pesquisa *nos/dos/com os cotidianos* é, então, necessária para que se criem argumentos e se dê a compreensão necessária do que é pesquisado (ALVES, 2010, p. 188).

A participação no grupo e a vivência na pesquisa me inspiraram na elaboração deste projeto que tem por objetivo conciliar as preocupações que me movem há tempos, infâncias e diferença, às imagens e sons enquanto dispositivos que acionam nosso pensamento a pensar questões relativas à educação, ao cotidiano da escola e ao currículo. A ideia do projeto fora discutida com os componentes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos (UNEMAT/CNPq), que coordeno, e a partir daí elaboramos esta proposta que segue assinada por todos.

Nesta pesquisa partimos do princípio de que as escolas são atravessadas por redes educativas e produtos comunicacionais. O *espaçotempo*¹ da escola é habitado por

¹ De acordo com Alves, a junção das palavras foi a melhor forma que encontrou “depois de usar outras, para dizer da unidade indissociável de seus dois componentes, que na verdade precisam ser entendidos como um só, na tentativa de superar a visão dicotomizada que herdamos da modernidade” (Alves, 2000).

praticantepensantes (OLIVEIRA, 2012) que vivem na chamada “sociedade da comunicação”. São pessoas constituídas por lógicas da informação, como dispositivo de controle social (DELEUZE, 1992) que são, segundo Alves (2012), atualizadas, rejeitadas e ressignificadas nas práticas cotidianas nos *espaçostempos* da educação escolar e das inúmeras outras redes educativas que formamos e que nos formam. Assim, passamos a compreender as imagens e sons, produzidos pelos mais variados meios comunicacionais e midiáticos, mais especificamente o cinema, como potências, na medida em que criam a possibilidade de imaginar a existência, para além daquela que nos rodeia, para além daquela que nos circunda; possibilita imaginar, assim, uma história possível, para além da história existente.

Concebemos, com Deleuze, que cinema e realidade não são duas instâncias distintas (GUÉRON, 2011). O cinema, nesse sentido, é descrito como uma potência, uma possibilidade de criação do real. Compreendemos nesta pesquisa que as imagens e sons ali produzidos e circulados podem suscitar uma multiplicidade de encontros com os *praticantepensantes* dos cotidianos educacionais que podem criar outras possibilidades para se pensar as infâncias e a diferença. Guéron prossegue sua narrativa dizendo que os cineastas percebem que “é saindo em busca de um lugar-limite, onde os sentidos se fecham num mundo sem saída para forçá-los a se abrir em outras perspectivas, que os clichês são desconstruídos” (id., p. 25). Essa é a nossa intenção: problematizar as concepções hegemônicas de infâncias e diferença que rondam o cotidiano educativo, desconstruindo clichês.

Em se tratando de infâncias e diferença, questionamos: como se constitui a concepção de infância que habita o imaginário dos *praticantepensantes* da educação? Existe um lugar constituído em nosso imaginário que seja destinado a habitá-la? É possível desconstruir esse lugar, pensando a partir de filmes que abordem outros *espaçostempos* para as infâncias? Trazemos essas questões por partilharmos da ideia de Larrosa (1988) de que a infância traz consigo uma presença enigmática, algo irreduzivelmente outro, que nos escapa sempre, que inquieta o que sabemos (ou nossa vontade de saber), que suspende o que podemos (ou nossa vontade de poder) e que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a nossa vontade de abarcá-la).

A partir dos filmes propomo-nos a identificar e quebrar os clichês² (Deleuze), potencializando, quiçá, a aparição de outras imagens de pensamento para a alteridade da

²Para o filósofo francês Gilles Deleuze (), “temos esquemas para nos esquivarmos quando é desagradável demais, para nos inspirar resignação quando nos é horrível, nos fazer assimilar quando nos é belo demais. Notemos a esse respeito que mesmo as metáforas são esquivas sensório-motoras, e nos inspiram algo a dizer

infância e da diferença. Essa experiência pode nos levar a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder.

Em relação a diferença, trazemos esse termo, também, para problematizá-lo. Partilhamos da concepção de que a diferença difere, ontologicamente, da diversidade. A diferença, segundo Silva, está no múltiplo e não no diverso.

A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irreduzíveis à identidade. A diversidade limita-se ao existente. A multiplicidade estende e multiplica, prolifera, dissemina. (SILVA, 2000, p. 100)

Concebemos, assim, que a diferença não pode ser subordinada às relações de representação de igualdade, de identidade, pois o que está em jogo, aqui, é a diferença enquanto singularidade, ou seja: suas relações, que são devires; seus acontecimentos que são hecceidades; seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; seu modelo de realização, que é o rizoma; seu plano de composição, que constitui platôs; aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.8). Questionamos: Diversidade ou diferença? Como se compõe a concepção que habita o imaginário dos *praticantespensantes* da Educação? Existe um lugar constituído em nosso imaginário que seja destinado a habitá-la? É possível desconstruir esse lugar, pensando a partir de filmes que abordam *espaçostempos* outros para a diferença?

Compreendemos, neste projeto, que as imagens e sons, principalmente no cinema, podem nos ajudar a compreender os “mundos culturais” dos docentes em relação às infâncias e a diferença, bem como podem nos ajudar a problematizá-los, questioná-los, desmanchá-los, pensando, conjuntamente, que outros mundos, outras infâncias, outras sexualidades, outras cores, outras multiplicidades/singularidades, podem constituir diferença em nós; podem nos afetar, constituindo outros modos de concebermos e lidarmos com as infâncias e a diferença na educação, no cotidiano escolar e no currículo.

6 JUSTIFICATIVA:

quando já não se sabe o que fazer: são esquemas particulares, de natureza afetiva. Ora, isso é um clichê. Um clichê é uma imagem sensorio-motora da coisa”.

Infância ou infâncias? Diversidade ou diferença? Essas questões afetam o cotidiano da educação e do currículo e precisam ser pensadas, repensadas, questionadas, problematizadas. Historicamente as oposições binárias nós/eles, adultos/crianças, homens/mulheres, brancos/negros foram criadas no contexto de relações de poder e colocaram hierarquicamente, uns e outros de lados opostos. Nossa sociedade passa a ser organizada a partir de dicotomias entre identidade e diferença, sendo essa última (diferença), traduzida como negativo da primeira (a identidade). Concebemos que essa lógica que vem nos constituindo historicamente afeta, diretamente, a educação escolar e contribui para criar e justificar as faces da desigualdade. Propomo-nos, nesta pesquisa, a problematizar e desnaturalizar essa lógica, questionando a compreensão das infâncias e da diferença na contramão do que é produzido por práticas discursivas e não discursivas a ela atreladas. A partir das pesquisas que concebem que a diferença existe em si e para si (DELEUZE, 2000), ou seja, é parte do movimento vivo, invertemos a análise que polariza e traz um lado negativo da diferença como essencial, procurando dar positividade a ela. Nesse contexto a diferença passa a ser positiva e afirmativa de si própria. Trata-se do modo como é produzida, cotidianamente, no mundo. Em se tratando da infância, enquanto diferença produzida em relação ao adulto (polarização negativa adulto/criança), concebemos que ela deva ser vista, narrada, sentida enquanto tal, por ela mesma, em seu movimento e contato no e com o mundo, sem classificações, rotulações, discriminações, binarismos e dicotomias. Assim, não cabe aqui nos referirmos a infância (única, verdadeira, inexorável), mas às infâncias (singulares, enigmáticas, produzidas nos encontros com o mundo). Desse modo, questionamos: como os *praticantespensantes* dos cotidianos da educação concebem as infâncias e a diferença? As categorias de pensamento binário permeiam a imaginação dos mesmos? Em caso positivo, é possível inverter essa lógica fazendo nosso pensamento pensar a partir de outros sentidos/modos de existência, que possam oportunizar outros modos de conceber as infâncias e diferença? Compreendemos que essas questões poderão ser pensadas junto aos *praticantespensantes* da educação a partir do momento em que oportunizarmos outras lógicas de pensamento através de imagens e sons que quebrem a representação, despedaçem as certezas e solapem as verdades que rondam os cotidianos educacionais. Desnaturalizar a produção de identidade, das infâncias e da diferença, é a isso que este projeto se propõe.

Acreditamos ser essa uma discussão urgente nos cotidianos escolares, por isso, justificamos a necessidade de execução deste projeto. Uma pesquisa que se propõe a situar entre pensamentos, conversas cotidianas, teorias e conceitos para problematizar as múltiplas

relações entre cinema e educação, pode tornar possível que os sentidos para uma educação que se pretenda mais inclusiva e menos excludente sejam estimulados, garantindo, assim, um (re)pensar constante e um movimento conjunto com vistas a suscitar mudanças diárias.

7 OBJETIVOS:

7.1 OBJETIVO GERAL:

Problematizar as infâncias e a diferença a partir de imagens e sons produzidos no cinema, oportunizando aos *praticantespensantes* do cotidiano educacional pensarem de forma diferente, aquilo que vem sendo *pensadopracicado* na educação escolar.

7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Criar, na UNEMAT, *campus* universitário de Cáceres-MT, um Ateliê de Imagem e Educação, como um organismo da Faculdade de Educação e Linguagem e do Programa de Pós-Graduação em Educação, com o objetivo de articular as múltiplas atividades de ensino, pesquisa e extensão que o Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos (CNPq) desenvolve, no uso de imagens e de sons, incorporando estudantes e professores da graduação e da pós-graduação, bem como professores (*praticantespensantes*) das redes públicas de ensino do município de Cáceres e região;

2. Realizar cineclubes, com temas que abordem as infâncias e diferença nos mais diversos cotidianos, proporcionando a estudantes da graduação e pós-graduação, assim como aos *praticantespensantes* das redes públicas de ensino, ver, discutir e pensar a partir de filmes. Concebemos neste projeto os cineclubes como uma reunião de caráter educativo, ético e estético dedicada ao cinema.

3. Proporcionar momentos de ‘conversas’ após a exibição dos filmes, com o intuito de promover entre os participantes dos cineclubes, a possibilidade de expressarem-se acerca do que o filme os (nos) levou a pensar; perceber como o filme mexeu com sua (nossa) concepção de infância, diferença, educação, currículo, cotidiano escolar; que experiências suscitou; que sentimentos engendrou, que conhecimentos e significações foram possíveis.

4. Perceber como se constituem as redes educativas que os *praticantespensantes*

dos cotidianos expressam em suas narrativas e, através delas, compor como as novas redes que serão constituídas a partir das seções e das conversas.

8 METODOLOGIA:

A poesia tem a função de pregar
a prática da infância entre os homens.
(Manoel de Barros)

Não há método, não há receita,
Somente uma grande preparação.
(Gilles Deleuze)

Que sentidos atribuímos às infâncias? Historicamente diferentes concepções são atribuídas ao termo “infância”. Distintas abordagens interpretativas, díspares em seus princípios, concordam em que seja um período da vida humana inaugurado no nascimento e estendido até a puberdade. Concordam, também, que a ideia de infância esteja vinculada à ideia de falta, de carência, de incompletude. Nesse contexto, o adulto, considerado o outro da infância, estaria autorizado a preenchê-la, completá-la, torná-la outra (Kohan, 2004). Um adulto em potencial, requerido por um projeto de sociedade, talvez. Nesse mesmo sentido concebemos a diversidade. Diversidade, aqui, entendida como o que difere da mesmidade. Diversidade, que, no jogo da *différence*, obedece à lógica da identificação, e contribui no trabalho discursivo para o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, contribui para a produção de “efeitos de fronteiras”, como nos inspira Hall (2012) a pensar. Nesse processo de identificação, a diversidade passa a ser o outro, aquilo que é deixado de fora, o exterior, que a constitui, a sustenta, a legitima. É por isso que, neste projeto, não trabalharemos com a concepção de identidade e diferença, marcando divisões históricas que contrapõem criança/adulto, negro/branco, bárbaro/civilizado, mal/bom, homem/mulher. Não trabalharemos, mas marcaremos essa posição, para que a mesma seja problematizada no cotidiano educacional. Essas questões estão presentes no currículo educacional brasileiro, muito marcadas pelas dicotomias, binarismos, polaridades. Pensamos que, nesse sentido, o currículo e as políticas curriculares, também precisem ser revisitados a partir de uma outra abordagem. É nesse sentido que a inspiração teórico-metodológica desta pesquisa ganha força ao ser tecida a partir da corrente de pesquisas em currículo nos/dos/com os cotidianos. Nilda Alves, pesquisadora criadora dessa corrente no Brasil, concebe que o currículo

se tece em cada escola com a carga que seus “praticantes”, como aprendemos com o historiador Michel de Certeau, trazem para cada ação pedagógica de sua cultura e de sua memória de outras escolas e de outros cotidianos nos quais vive (ALVES, 2011).

Nesse sentido, para a autora, é nessa rede cotidiana, formada por múltiplas redes de subjetividades, que cada um de nós é aluno/aluna, professora/professor. Com essa concepção,

a autora desfaz a ideia de currículo como “processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos” (BOBBIT, 1918, *apud* SILVA, 1999, p. 12), concepção essa que tem a fábrica como modelo institucional. O currículo pensado a partir das pesquisas nos/dos/com os cotidianos problematiza o ideário da modernidade que institui papéis definidos, marcados como de adulto/criança, negro/branco, homem/mulher... Problematiza a cultura de massa que não deixa alternativa para que a alteridade aconteça. Para Guattari,

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos: indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados [...]. O que há é simplesmente uma produção de subjetividade. Não somente uma produção de subjetividade individuada – subjetividade de indivíduos – mas uma produção de subjetividade social, uma produção de subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção de subjetividade inconsciente. A meu ver, essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos”. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 16).

Essa descrição da produção da subjetividade nos leva a pensar como os sujeitos, dentre eles nós, que estamos *praticandopensando* o cotidiano educacional, somos produzidos material e espiritualmente. Mas, nos leva a perceber, também, a escola, para além de um aparelho ideológico do Estado (Althusser) como “um equipamento coletivo, que opera por meio dos agenciamentos coletivos de enunciação” (GALLO, 2012, p. 215). Para Guattari (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 31), a subjetividade é produzida por agenciamentos coletivos de enunciação. Nesse sentido, os processos de subjetivação não se centram em agentes individuais, mas implicam o funcionamento de máquinas de expressão, que podem ser tanto de natureza extrapessoal e extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, da mídia...) como de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens...). É nesse sentido, também, que as pesquisas dos/nos/com cotidiano vêm o currículo, como uma máquina de subjetivação. Para Gallo,

o currículo é o território constituído no qual os processos de subjetivação podem se materializar. É também o conjunto dos agenciamentos coletivos de enunciação, o conjunto das ações dos vários professores e demais membros da comunidade escolar, operando coletiva e concertadamente na produção das subjetividades dos estudantes”. (GALLO, 2012, p. 216).

Concebendo o currículo como agenciamento coletivo de enunciação, podemos perceber o papel dos *praticantepensantes* dos cotidianos escolares como sujeitos que criam conhecimentos e significações permanentemente. Nesse sentido, as pesquisas dos/nos/com os cotidianos tem como uma de suas principais questões

a inseparabilidade entre as dimensões do político, do epistemológico e do metodológico na tarefa de pensar as e com as produções das práticas e dos conhecimentos, bem como na busca por formas de produzi-los que reconheçam e valorizem cenários, praticantes e saberes que fazem a educação a cada dia. (OLIVEIRA, 2012).

É nesse chão teórico-metodológico que esta pesquisa se situa. Pretendemos, junto aos *praticantepensantes* do cotidiano escolar do município de Cáceres-MT e região, que produzem práticas e conhecimentos com crianças nas redes públicas de ensino, pensar esses conhecimentos por eles produzidos a partir da intercessão de filmes que abordem as temáticas infâncias e diferença a partir de outros contextos socioculturais. O filme apresenta imagens, narrativas e sons que provocam nosso pensamento a pensar e que se afastam da pretensão de representar na mesma medida em que se constitui em potência criadora. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (2010, p. 79) nos inspiram neste projeto ao nos falarem de *personagem conceitual* enquanto “o devir ou o sujeito de uma filosofia” (...) “verdadeiros agentes de enunciação”, ou, enquanto intercessor, cristal ou germe de pensamento. Para eles, o essencial para o pensamento pensar são os intercessores. Deleuze (1992) nos diz sobre os intercessores:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro. (DELEUZE, 1992, p 156)

A partir desse pensamento, tomaremos os filmes (Iranianos, Asiáticos, Africanos, Norte-Americanos, Sul-Americanos, Europeus, dentre outros), como *personagens conceituais*, ou intercessores, para nos exprimirmos e deixar com que eles se expressem em nós. Os *personagens conceituais*, intercessores de Deleuze, são inspirações, também, para as

pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Segundo Alves (2010), imagens e narrativas tornaram-se importantes intercessores para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

É nessa direção que afirmo que para as *pesquisas nos/dos/com os cotidianos*, as narrativas e as imagens de professoras e de outros *praticantes dos espaçostemposcotidianos* não podem ser somente entendidas, exclusivamente, como ‘fontes’ ou como ‘recursos metodológicos’. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua necessidade, de *personagens conceituais*. Sem narrativas (sons de todo tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, é preciso tê-las, respectivamente, como *personagens conceituais* necessários aos processos que realizamos. (ALVES, 2010 p. 1203).

Compreendemos que, a partir das exibições dos filmes, iniciaremos uma conversa com os *praticantespensantes* dos cotidianos sobre como nossas práticas e conhecimentos são/foram construídos para, a partir do reconhecimento das mesmas como produções *prácticoteóricas* cotidianas, repensá-las e, quiçá, produzir outros agenciamentos coletivos de enunciação, que possam produzir outras formas de subjetividade, que recusem a individualidade. Esse é o alerta trazido por Foucault,

Gostaria de dizer que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado e do tipo de individualização a ele vinculado. Temos que promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos (Foucault, 1989, p. 10).

A escolha dos filmes como intercessores, neste projeto, tem inspiração, também, nas pesquisas desenvolvidas por Alves. Segundo a autora,

esse meio, que assumimos como arte – articula múltiplas possibilidades: é junção de imagens e sons; faz aparecer *espaçostempos* do viver humano em uma gama incomensurável, caracterizando inúmeras possibilidades, problematizações ou tensões às relações humanas; é entre as artes, a que se coloca a meio caminho entre aquelas mais herméticas – e para as quais é preciso ‘chaves’ especiais de conhecimento – e as mais populares, como as músicas características de cada região, por exemplo; o acesso a filmes se dá através de inúmeros meios (televisão, vídeo, internet, templos religiosos, escolas, etc), cujas redes de troca são ainda muito pouco conhecidas e que é preciso conhecer. (ALVES, 2012, s/p).

Compreendemos nesta pesquisa que as imagens e sons propiciados pelo cinema podem nos ajudar a pensar os “mundos culturais” dos *praticantespensantes* dos cotidianos, juntamente com eles, na medida em que entendemos que suas práticas e conhecimentos são atravessados por redes educativas e produtos comunicacionais, como dissemos acima. Quais

redes educativas se fazem presentes? Aquelas propiciadas pelos filmes que a TV Globo transmite na sessão da tarde ou na Tela Quente? Ou os filmes hollywoodianos passados nas duas únicas salas de cinema da cidade de Cáceres? Esta proposta pretende apresentar filmes que se colocam fora dos “clichês” que o mercado fílmico exige. Traremos filmes que agucem a sensibilidade e tornem-se potentes para reinventar a vida (RINCÓN, 2012), ou, uma outra vida possível. Essas sensibilidades podem produzir novas subjetividades, que recusem a individualidade, como queria Foucault. Podem se constituir em atos de resistência, como Deleuze nos força a pensar.

Após a apresentação dos filmes, como dissemos acima, daremos início a uma conversa. As conversas que, segundo Alves, para muitos são entendidas como “perda de tempo”, para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, são o ‘locus’ de pesquisa. De acordo com a autora, nelas surgem as imagens e narrativas que vão se transformar em nossos personagens conceituais. O valor de uma conversa, para Larrosa, não está no fato de que, ao final, se chegue ou não a um acordo. A conversa é permeada por diferenças. A arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não dissolvendo-as... e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... (LARROSA, 2003, p. 212). Essas conversas serão filmadas e gravadas, com prévia autorização dos participantes. As narrativas delas advindas serão utilizadas pela pesquisa como *personagens conceituais* para compreendermos os “mundos culturais” dos *praticantespensantes* dos cotidianos e pensarmos as possibilidades propiciadas a partir das novas intercessões. Dessas narrativas se engendrarão novas práticas e conhecimentos que serão, também, narrados e irão compor novas *praticasteorias* como resultado da pesquisa.

9 HIPÓTESE OU RESULTADOS ESPERADOS:

Esta pesquisa foi proposta a partir de um lugar epistemológico que não tem as Hipóteses como possibilidade de compreensão do real. Não é nossa intenção “descobrir até onde vamos”, ou antecipar um futuro que está por vir. Pretendemos pensar algumas situações do presente, problematizando-as, desfamiliarizando-as, solapando as suas certezas, abrindo-as “a um vir a ser sem projetos e sem promessas, a uma liberdade sem garantias”.

Nossa intenção é produzir histórias do Presente – “ontologia crítica de nós mesmos”. Para viver o presente e tentar compreendê-lo a partir dele mesmo necessário se faz que histórias sejam desconstruídas, evidências e universalidades sejam problematizadas, Leis sejam relidas, enfim, que o habitual seja colocado em questão.

A concepção teórica que propicia o tipo de análise que pretendemos realizar situa-se em uma perspectiva que rompe com a ideia de uma investigação que procura um modelo “iluminado” e “verdadeiro” que sirva de parâmetro para o conhecimento. Movimentamo-nos em uma perspectiva teórica de produção do conhecimento que questiona a realidade do mundo a partir de diferentes olhares, partindo de problemas e não de hipóteses e métodos acabados, definitivos e universais.

10 IDENTIFICAÇÃO DA EQUIPE DO PROJETO:

Toda equipe do projeto participará das atividades de estruturação do Ateliê, bem como da organização dos cineclubes, das conversas com os *praticantespensantes*, da elaboração de artigos e do relatório final da pesquisa. Cada membro da equipe direcionará seu olhar a uma questão específica, como resumida abaixo:

Professores efetivos do curso de Pedagogia da UNEMAT/Cáceres

Prof. Dr. João de Deus dos Santos – Currículo e diferença

Prof. Dr. Ailon do Vale Simão – Crianças e Adolescentes em Conflito com a Lei

Prof. Dr. Dimas Santana Neves – História da Educação no Brasil

Professores efetivos do Curso de Educação Física da UNEMAT/Cáceres

Prof^a Ms. Suely Cristina - Corporeidade

Prof. Rodrigo Bandeira – Uso das Tecnologias e constituição de sujeitos

Prof. Antônio Fernandes de Souza Júnior – Produzindo mídia na educação física escolar: uma experiência com mídia-educação

Professor efetivo do curso de Direito da UNEMAT/Cáceres

Prof. Carlos Alberto Reyes Maldonado – Reconhecimento

Professoras Colaboradoras - Voluntárias

Prof^a. Rosilene Lopes – Infâncias e contos infantis

Prof^a Eva da Silva Cebalho – Concepções de Escola

Mestrandos do PPGEdU/UNEMAT:

Naiara Cássia dos Santos – Currículo, cotidiano e cinema: pensando infâncias

Bolsista de Iniciação Científica – PIBID/CNPq

Luana dos Santos Nogueira Garcia - Diferenças e Semelhanças entre Alice do país das Maravilhas e Alices dos cotidianos escolares

11 INDICAÇÃO DE COLABORAÇÕES OU PARCERIAS JÁ ESTABELECIDAS COM OUTROS CENTROS DE PESQUISA NA ÁREA

O projeto faz parte do GEPECSCC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2001. Esse grupo compõe o GT-Currículo da ANPED e está entre os grupos associados ao Laboratório Educação e Imagem do PROPed/UERJ, coordenado pela professora Dr^a Nilda Alves.

Contato com o Prof. Dr. José Valter Pereira - LEAFRO – Laboratório de estudos afro-brasileiros (NEAB/UFRRJ), e do LAB (Laboratório Educação e Imagem/UERJ) para pensarmos possibilidades de ações conjuntas, interativas e presenciais, entre os grupos de pesquisa das duas instituições. Nota-se a experiência e implicação do pesquisador com questões relacionadas a comunicação visual e educação.

Conato com a Prof^a Dr^a Anelice Ribetto – UERJ/FFP/DEDU – para intercessões com sua pesquisa “Tensões entre políticas e experiências (da-na diferença)”.

12 DISPONIBILIDADE EFETIVA DE INFRA-ESTRUTURA E DE APOIO TÉCNICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A estrutura do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Cáceres “Jane Vanine”, oferece boas condições de pesquisa, disponibilizando uma sala climatizada e com acesso a internet para que as reuniões do Ateliê aconteçam. Todos os professores efetivos da Instituição tem Dedicção Exclusiva para Desenvolver as ações do projeto, com carga horária de 20 (vinte) horas semanais dedicadas a ele.

13 ESTIMATIVA DE RECURSOS FINANCEIRO DE OUTRAS FONTES

Não há solicitação dessa natureza em andamento.

